

## **A humanização do divino em *o evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago**

Murilo Moiana

**Resumo:** A literatura é, talvez, o meio mais profuso da palavra. Um instrumento com o qual ela, a palavra, institui verdades e inverdades – por vezes fazendo com que uma torne-se a outra. Assim, baseada na liberdade literária de criação, pretende esta pesquisa mostrar a valorização que José Saramago, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, faz do que é nato ao homem e salientar a consonância de seus pensamentos aos do filósofo alemão Friedrich W. Nietzsche, em seu livro *O Anticristo*. Esta obra saramaguiana nos faz pensar na veracidade do que lemos, muitos escritos proclamados como verdades absolutas, na aceitação de atitudes ou na falta delas e em nós como um todo com quantidade expressiva de uma fé que nem questionamos como ou por quê. A personalidade das personagens de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, é cheia de qualidades e defeitos, o Divino saramaguiano nos mostra um Deus mais facilmente compreensível. Deus é, assim também, tratado por Nietzsche em *O Anticristo*. A defesa de Deus com sentimentos humanos e, portanto, ditos impuros é tema das duas obras aqui citadas. E ainda encontramos, também, em Moema de Castro e Silva Olival outra fonte para embasamento desta pesquisa. Baseando, principalmente, no romance de José Saramago e na teoria filosófica de Friedrich Wilhelm Nietzsche, este artigo tenciona evidenciar o Divino humanizado de Saramago. Outro ponto deste trabalho é a explicitação do poder proveniente do discurso persuasivo, da Palavra e da possível criação de Deus pelo homem por meio do poder da Palavra.

**Palavras-chave:** Divino, humanização, homem, palavra.

**Abstract:** Literature is, perhaps, the more profuse way of the word. An instrument with which it, the word, institutes truths and lies for times making with that one becomes it another one. Thus, based in the literary freedom of creation, it intends this research to show the valuation that Jose Saramago, in *The evangel according to Jesus Christ*, it makes of whom is born to the man and to point out the accord of its thoughts to the ones of German philosopher Friedrich W. Nietzsche, in its book *The Antichrist*. This Saramago's workmanship in makes them to think about the veracity of that we read, many proclaimed writings as absolute truths, in the acceptance of attitudes or the lack of them and us as a whole with expressive amount of a faith that nor we question as or for what. The personality of the personages of *The evangel according to Jesus Christ*, is full of qualities and defects, the Saramago's Divine in the sample a God more easily understandable. God is, thus also, treated for Nietzsche in the Antichrist. The defense of God with human feelings and, therefore, said impure is subject of the two workmanships cited here. And still we find, also, in Moema de Castro e Silva Olival another source for basement of this research. With base, mainly, in the romance of Jose Saramago and the philosophical theory of Friedrich Wilhelm Nietzsche, this article intends to evidence the Divine human in Saramago. Another point of this work is the make explicit of the power proceeding from the persuasive speech, the Word and the possibility of creation of God for the man by means of the power of the Word.

**Keywords:** Divine, humanization, man, word.

## **Introdução:**

Há, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, do escritor português José Saramago, uma fonte vasta de inquietantes questões e este trabalho destina-se à problematização de algumas delas, como: A literatura humaniza o Divino ou diviniza o homem? Os textos bíblicos são ditames santos ou literatura santificada? Seria a palavra responsável por tudo o que é tido como real/certo, ficcional/incerto? Esta obra saramaguiana nos faz pensar na veracidade do que lemos, muitos escritos proclamados como verdades absolutas, na aceitação de atitudes ou na falta delas e em nós como um todo com quantidade expressiva de uma fé que nem questionamos como ou por quê.

Baseando-se no romance de José Saramago, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, e na teoria filosófica de Friedrich Wilhelm Nietzsche, este artigo tenciona evidenciar o Divino humanizado de Saramago e fazer notar a delícia – com perdão da expressão – que são as idéias desses dois pensadores, como se interagem – mesmo não sendo contemporâneos – e como ocasionam questionamentos a quem se predispõe a lê-los sem o pré-conceito medieval que ainda habita em nós. Para tanto, dividimos em duas partes o estudo sugerido: na primeira parte, *O homem em Deus*, tratamos da humanização do Divino em José Saramago e nos apoiamos nos pensamentos do filósofo alemão Nietzsche. Em *E se fez palavra, e a Palavra o todo faz*, segunda parte deste trabalho de pesquisa, explicitamos o poder proveniente do discurso persuasivo, da Palavra e da possível criação de Deus pelo homem por meio desse poder.

Para estudiosos e apaixonados em literatura, essa proposta parece ser atraente. Então, não busca, esse trabalho, respostas absolutas e nem resposta alguma, pretende, isso sim, levantar questões que acareiem o que é crença absoluta com o que poderia ser, ou seja: tratamento literário dispensado a tais verdades; conjeturar sobre crenças que podem parecer (ser) credíças e/ou vice-versa. Ao realizarmos essa pesquisa estaremos estudando a desconstrução da perfeição Divina na literatura, especificamente em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago e evidenciando a importância primordial da Palavra.

### **1 – O Homem em Deus**

O primeiro capítulo do livro de José Saramago, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, trata da descrição interpretativa de uma gravura da série “A Grande Paixão”, de Albrecht Dürer (1471-1528), considerado o grande artista do renascimento alemão. A crucificação é mostrada por meio da gravura, não apenas por descrição, mas também como uma interpretação da imagem pintada pelo artista. Mesmo que não conheçamos a obra de Dürer, é possível concluir que estamos diante de uma imagem construída por palavras, que se refere à outra, uma vez que o narrador nos mostra esse fato ao usar expressões como: *o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada* – podendo ser uma referência tanto à gravura quanto ao próprio livro. Assim, percebemos que o romance começa com a crucificação de Cristo, o que nos leva a pensar na inversão em relação ao texto bíblico, que segue uma certa ordem cronológica dos acontecimentos: nascimento, ministério, paixão e morte de Jesus. *O evangelho segundo Jesus Cristo* modifica essa ordem, sendo um claro indicativo para o leitor do teor subversivo que contém. A visão impar de José Saramago, sobre uma já tão conhecida história, não agride o ponto central das crenças, a santidade de Jesus, mas dá sentimentos humanos normais a Ele, a Deus, ao Demônio e a todas as outras personagens. Em um texto que sempre nos soa como temperado com boa pitada de ironia, por vezes até engraçado e sempre muito reflexivo, Saramago carrega essas personagens com grande peso de suas impressões pessoais do homem, da igreja e da sociedade.

Os Seres Divinos, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, são todos eles repletos de humanidade e o autor, com o uso da paródia: “[...] Deus, nas empíricas alturas, respira, comprazido, os odores da carnagem” (SARAMAGO, 2003, p. 249) e da carnavalização: “Se por um atraso nas comunicações ou enguiço da tradução simultânea, ainda não chegou ao céu notícia de tais ordens, muito admirado deverá estar o Senhor Deus [...]” (SARAMAGO, 2003, p. 249 e 53), que permitem recriações livres e críticas, contraria fatos consumados da História Sagrada, como o dogma da virgindade de Maria; Saramago descreve o ato sexual ocorrido entre José e Maria, que deu origem a Jesus, com – se nos permite o paradoxo – divinal humanidade:

A manhã subia, expandia-se, e em verdade era uma visão de beleza quase insuportável [...] Um sopro de vento ali mesmo nascido bateu na cara de José [...] não era mais do que o aturdimento causado por uma súbita turbulência do sangue, o arrepio sinuoso que lhe estava percorrendo o dorso como um dedo de fogo, sinal de uma outra e mais insistente urgência.

Maria, deitada de costas, estava acordada e atenta [...] José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria [...] e Maria, entretanto, abria as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho [...] Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a do outro, como a carne dele penetrou a carne dela (SARAMAGO, 2003, p. 26-7)

Com a quebra da virgindade de Maria, Saramago prepara outra mudança em outro fato; Jesus é o primogênito de nove filhos tidos pelo casal, sendo eles: Jesus, Tiago, Lísia, José, Judas, Simão, Lúcia, Justo e Samuel.

Moema de Castro e Silva Olival, além do ponto acima tratado, ainda cita outras releituras do texto bíblico em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, como:

[...] a visita dos três reis magos, aqui transformados em três pastores [...] só que um deles, o que simula, na capa de pastor, o Pastor-Demônio, incumbido por Deus de ‘abrir os olhos de Jesus’ [...] essa personagem, variação parodística da tentação de Jesus no deserto, terá significativa presença na formação de Jesus.

[...] a morte de José, por crucificação, aos 33 anos, dados da morte de Jesus, segundo a história sagrada, é uma antecipação sugestiva, simbólica, na pessoa do pai (ser humano), do destino do filho (também ser humano) [...] O sonho que, em vida, atormentou José, após sua morte, atormentará seu filho. (OLIVAL p. 89 – 90).

Estas e outras citações de Olival podem ser vistas como ratificações da idéia sobre a humanização do Divino em José Saramago. Essa visão humana dos Seres Celestiais é, até mesmo, óbvia na obra aqui estudada, mas, a poeticidade com que o autor constrói esse Divino humano compreensível, palpável, é merecedora de uma atenção especial. Nos trechos acima, transcritos de *O espaço da crítica*, Moema ressalta a espiritualidade do ser humano, alude ao que é passado de pai para filho e, com isso, mostra que Saramago dá a José a paternidade de Jesus, fazendo d’Ele mais homem do que santo. O Pastor-Demônio, que é o responsável por mostrar a Jesus as *trivialidades* da vida humana, rotuladas como pecados, acompanha-O desde a concepção – é ele quem diz a Maria que ela está grávida – até o encontro de Jesus com Deus, que mais à frente trataremos. Podemos sugerir que no Pastor-Demônio é perceptível outra ironia de José Saramago: se ele mostra a Jesus o que a humanidade pratica e ele é Satanás, é possível ler que tais práticas sejam *coisas do Demônio*. Mas, nesta visão, o Demônio é de Deus, como veremos mais à frente.

Ao prover Jesus de uma concepção comum, de uma gama de sentimentos inerentes ao homem, Saramago O faz apaixonadamente humano. Jesus é o advogado da humanidade, é seu defensor, identifica-se com o homem, ou melhor, é o homem, enfrenta Deus, tenta enganá-Lo em prol da humanidade. “A relevância do humano se realçará no desenrolar da trama e, nesse Evangelho, seus desejos, paixões, pensamentos, falas e sofrimentos se erguerão em tom de contraponto à vontade e poder divinos” (OLIVAL,1998, p. 83). Jesus não quer os sofrimentos, as mortes dos homens em nome Dele e de Deus.

Em *O Anticristo*, lemos que: “Quando não se coloca o peso da vida na própria vida, mas sim no ‘além’, no nada, então se retira da vida toda sua importância” (NIETZSCHE, 1992, p. 65); podemos entender que, como no pensamento saramaguiano, expressado por Jesus, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, Nietzsche defende que a vida é terrena, desprezando qualquer possibilidade de existência de um Éden. O romancista e o filósofo parecem compartilhar a idéia de que a *vida post mortem*<sup>1</sup> é um artifício do cristianismo para dominação do povo e, com isso, mais uma vez valorizam o ser humano e o colocam como criador, talvez até mesmo de Deus, movido pelo poder, pela ganância, por medo, necessidade de explicar e a constante auto-exigência de superação, comum a quase totalidade da humanidade.

Em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, Jesus é o centro da narrativa, o núcleo onde estão ligados todos os acontecimentos, no decorrer da história o autor retrata n’Ele todas as fases por que passam os seres humanos durante sua formação. Jesus é um adolescente carregado de todas as dúvidas inerentes à idade e, ainda, com impetuosidade e rebeldia. Observáveis, também, quando Ele sabe da morte das crianças, consequência de Seu nascimento.

Antes disso, porém, abriremos um necessário espaço para comentarmos o sonho de José, decorrente da culpa que lhe pesou por não ter avisado aos outros vinte e cinco pais, de Belém, da vinda dos soldados romanos para o extermínio das crianças menores de três anos. Sonho esse que passa, após sua morte, a Jesus. A narrativa trata com grande emoção e sentimentos humanos os acontecimentos que provocaram a culpa em José, trecho que vale ser aqui transcrito, também para maior compreensão do sonho de José herdado por Jesus:

Bom, tenho que ir, e nesse momento ouviu vozes que vinham de um caminho abaixo do local onde se encontrava, e, inclinando-se sobre o muro de pedra que o separava dele, viu que eram três soldados [...] dois deles, com o coto da lança no chão, escutavam o terceiro [...] E a que horas vai ser isso [...] Ao principio da hora terça, quando já toda a gente está recolhida [...] E então a ordem é matá-los todos, A todos não, só aqueles que tiverem menos de três anos [...] E isso vai dar quantos [...] Pelo senso, disse o chefe que devem ser aí uns vinte e cinco.

[...]

um clamor de novos gritos e prantos encheu a atmosfera, eram os homens enlouquecendo debaixo de um céu vazio.<sup>2</sup> [...] Que gritos são aqueles, perguntou, mas o marido não lhe respondeu [...] José respondeu [...] Estão a matar gente. [...] Crianças, por ordem de Herodes [...]

[...]A meio da noite, José teve um sonho. Cavalgava por uma estrada que descia em direção a uma aldeia de que já se avistavam as primeiras casas, ia de uniforme e com todos os petrechos militares em cima, armado de espada, lança e punhal, soldado entre soldados, e o comandante perguntava-lhe, Tu aonde vais, ó

---

<sup>1</sup> após a morte

<sup>2</sup> Grifo nosso

carpinteiro, ao que ele respondia [...] Vou a Belém matar o meu filho, e quando o disse despertou com um ronco abominável, o corpo crispado, torcido de terror. (SARAMAGO, p. 106-7; 112; 118-9)

É possível, ao observarmos e interpretarmos as citações acima, medrar a atitude de José pelo sentimento paterno de proteção imediata à cria e, com o distanciamento do perigo, o nascer da culpa por seu “egoísmo”. Um egoísmo, se assim acharmos conveniente dizer, mais culposo para Deus, por seus desígnios, tal observação é passível de corroboração no grifo da citação da página 112; se “debaixo de um céu vazio”, então pode haver a ausência de compaixão por parte do Divino.

Bem, o sonho de José passa ao filho e, com isso, podemos notar que José e Jesus estão unidos pelo mesmo, e Jesus está ligado a Deus por filiação, que é por Jesus questionada.

Em Nietzsche:

Esse ‘mensageiro feliz’ morreu como viveu [...] não para ‘salvar homens’, mas para mostrar como se deve viver. [...] seu comportamento perante os juizes, os verdugos, entre os acusados e diante de toda sorte de difamação e escárnio, sua atitude na cruz. Não opõe resistência, não invoca seus direitos [...] E ele suplica, sofre, ama com aqueles que lhe causaram mal [...] Não se defender, não ter raiva, não atribuir responsabilidade... (NIETZSCHE, 1992, p. 57-8).

O Jesus apresentado por Saramago é um adolescente “comum”, que julga seus pais severamente, que abandona sua casa. Esta construção de Jesus vai de encontro ao Jesus que Nietzsche, ironicamente, trata no ponto citado acima. O “mensageiro feliz” é o Divino como representação dos dominantes, é o que esperam do povo: não se opor, não lutar. Há aqui um paradoxo entre o Cristo saramaguiano e a ironia de Nietzsche.

Mas, esse Jesus, o de Saramago, humano a ponto de ter dificuldades em aceitar sua condição de filho de Deus, ganha a admiração do leitor, que se reconhece em suas atitudes. Jesus que conhece o amor carnal, com Maria de Magdala (Madalena) – uma bela humanização do divino, de Saramago –, é um Divino com maior possibilidade de ser, por nós, compreendido e de compreender-nos.

Não tenha medo, disse Maria de Magdala. [...] deita-te, eu volto já. [...] e Maria de Magdala apareceu, nua. Nu estava também Jesus, como ela o deixara [...] Maria parou ao lado da cama [...] e disse, És belo, mas para seres perfeito, tens de abrir os olhos. Hesitando, Jesus abriu-os [...] soube o que em verdade queriam dizer aquelas palavras do rei Salomão, As curvas dos teus quadris são como jóias, o teu umbigo uma taça arredondada [...] quando Maria se deitou ao lado dele, e, tomando-lhe as mãos [...] as fez passar, lentamente, por todo o seu corpo [...] então sentiu que uma parte do seu corpo, essa, se sumira no corpo dela, que um anel de fogo o rodeava, indo e vindo, que um estremecimento o sacudia por dentro, como um peixe agitando-se (SARAMAGO, 2003, p. 282-3).

Nesse emocionante amor, uma criação ficcional, de Saramago, entre Jesus e Maria de Magdala, a humanidade dela atua, além de mostrar a fragilidade emocional do ser humano, como compensador ao que de tirânico Jesus tem de sua parcela Divina; *é o divino que tem de ser dessacralizado*. Decidimos por essa citação para, mais uma vez, exemplificar a dicotomia entre o humano e o Divino do Jesus saramaguiano e por acreditarmos ser tal passagem carregada de beleza e lirismo. Assim, vemos que José Saramago, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, não vulgariza o humano – ao contrário, o supervaloriza – e, portanto, nem o Divino.

Em *O Anticristo*, Nietzsche afirma que:

(...) a personalidade psicológica do redentor só chegou até nós de uma forma bastante deturpada. Essa deturpação é muito verossímil: por muitas razões uma tal personalidade psicológica não poderia permanecer pura, inteira, livre de marcas externas. Tanto o meio em que se movia essa figura estranha quanto a história e o destino da primeira comunidade cristã, estes mais fortemente devem tê-la marcado; retroativamente, sua personalidade foi acrescida de traços desse destino que só vieram a ser compreendidos em consequência da guerra e do seu uso como propagandista. (NIETZSCHE, 1992, p. 53).

A visão nietzscheana de um Jesus *moldado* para satisfazer os interesses de controle das massas e de enriquecimento do cristianismo do dominante, nos faz pensar na visão humanizada do Cristo, construída por Saramago; ora, um ser Divinal que erra, tem raiva, dúvidas, desejos sexuais e sofre de todas as mazelas a que homens e mulheres estão sujeitos, não poderia ser usado como meio de dominação pelo medo, como fez o cristianismo na Idade Média, e que esta e várias outras religiões ainda fazem, por isso nos parece que Nietzsche alude a mudança psicológica imposta a Cristo e Saramago nos faz concluir que esse Cristo humanizado, de sua obra, é, para ele, talvez, o Cristo sem influências ditatoriais, um homem que é como todos os homens de seu povo e diferenciado dele pelo dom do discernimento, da religiosidade. Um dom, digamos, Divino.

### 1.1. O humano no Senhor Deus

Trabalharemos, a partir deste ponto, a personagem que nos parece ser a maior representação da humanização do Divino escrita por Saramago, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, a personalidade de Deus. Uma personalidade irônica, aparentemente sádica e que sempre deixa que suas vontades, por díspares que pareçam, sejam as únicas verdades, nos leva a pensar que Deus é o antagonista da humanidade por fazer dela apenas o meio para satisfação de seu *id*, *ego* e *superego*. Mas, se nos lembrarmos dos pensamentos de Nietzsche, veremos que esse Deus é o Deus necessário à satisfação humana por não ser um *ente perfeito*, e sim um Ser que age em conformidade com a mais pura natureza humana; a que não se envergonha de seu orgulho, a que se impõe pela força física e/ou intelectual, aquela que almeja o mais alto poder.

Bem, Saramago retrata um Deus que parece conceder um livre-arbítrio com *cartas marcadas*, deixando que a humanidade acredite que pode e está caminhando segundo sua própria vontade, mas até esse sentimento de liberdade é criado por Ele; exemplificamos isso com Jesus tentando enganá-Lo para frustrar Seus planos e poupar as dores à humanidade que deles decorreram:

Que ajudeis a minha morte a poupar as vidas dos que hão de vir, Não podes ir contra a vontade de Deus, Não, mas o meu dever é tentar, Tu estás salvo porque és filho de Deus, mas nós perderemos a nossa alma, Não, se decidirdes obedecer-me, é ainda a Deus que estareis obedecendo. (...) O filho de Deus deverá morrer na cruz para que assim se cumpra a vontade do Pai (...) Um simples homem, sim, mas um homem que se tivesse proclamado a si mesmo rei dos Judeus (...) (SARAMAGO, 2003, p. 436).

Jesus acredita estar sendo, fazendo-se ser condenado como rei dos judeus ao invés de filho de Deus, heterodoxo aos planos do Senhor. Acredita que isso evitará as atrocidades e desgraças cometidas pelos homens em nome dos Espíritos Celestiais, tais como: martírios, flagelações, as Cruzadas ou Guerras Santas, a Santa Inquisição e tantos outros infortúnios impingidos aos homens pelo homem em nome do Divino. Saramago, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, usa cinco páginas, da 381 a 385, para citar

nomes de mártires e, mesmo com tantos lembrados, ainda outros nos vêm a memória. Então, pode nos ficar a dúvida sobre a origem de Deus, parecendo sermos levados a crer que, assim como a leitura de que todos os seres humanos podem ser apenas joguetes de Deus, pode, o que nos parece ainda pior, como prega Nietzsche, ser esse Deus a ferramenta de poucos para que conquistem a vassalagem de muitos.

O Deus da obra de José Saramago é, talvez, o mesmo Deus que Nietzsche defende e diz ser o primeiro, o que atende às necessidades de um povo, que não exige atos e ações contrárias à natureza humana.

Um povo que ainda acredita em si, também possui ainda seu próprio Deus. Venera no Deus as condições graças as quais ele se afirma, suas próprias virtudes; projeta seu prazer em si mesmo, seu sentimento de poder num ser a quem se pode agradecer por tudo isso. Quem é rico quer dar; um povo orgulhoso precisa de um Deus para fazer sacrifícios [...] O homem é agradecido por ser homem: só por isso precisa de um Deus. Um deus assim deve ser útil e prejudicial, saber ser amigo e inimigo. Ele é admirado no bem como no mal. A castração antinatural de um Deus que se torna apenas um Deus do bem está totalmente fora do nosso ideal. O Deus bom é tão necessário quanto o mau [...] Que importância teria um Deus que não conhecesse raiva, vingança inveja, escárnio, astúcia, violência? que não conhecesse nem os encantadores ardores da vitória nem os da destruição? Um Deus assim seria incompreensível: para que tê-lo? (NIETZSCHE, 1992, p. 37-8).

Este Divino de Nietzsche parece ser a base do Deus saramaguiano, que é um Deus que aglutina todas as qualidades, segundo Nietzsche, necessárias a um Deus para a satisfação do povo que o criou e adora. Para o filósofo a transformação desse Deus em um Deus só do bem coloca-O em um ponto distante da realidade humana. Saramago parece evidenciar o Senhor Deus mais próximo do homem e da mulher, satisfazendo, com isso, cremos, uma grande parcela da população hodierna que busca um Deus feito a *sua imagem e semelhança* e não o contrário.

Outra significativa, e neste estudo indispensável, recriação de Saramago é o Pastor-Diabo, que parece ser uma personagem coadjuvante de Deus ou, ainda e mais provável, parte de Deus. O Pastor-Diabo não comete as esperadas maldades legadas a Satanás pelo imaginário popular, que é fartamente regado pelos textos bíblicos, isso sim, comporta-se com ética; tem consciência de seu dever e, por isso, é servidor das vontades d'Ele. Podemos observar entre as personagens Deus e Diabo a presença do dualismo, que normalmente tem o Bem representado pelo claro, pela luz, por Deus e o Mal pelo escuro, pelas trevas, pelo Demônio. Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Saramago nos leva a pensar em uma inversão de valores, já que o Pastor-Diabo propõe seu arrependimento e subserviência a Deus e este recusa-se a aceitar para que não caia no esquecimento.

E, talvez, trabalhado o conceito do Uno que seria Deus: se Uno ele for, o Diabo também, obrigatoriamente, Ele teria que ser, Saramago humaniza definitivamente o Senhor – dá a Ele a condição imperialista que habita nos homens e que em muitos manifesta-se, decorrendo dessa necessidade de poder absoluto Deus torna-se mesquinho, soberbo, egocêntrico etc, mostrando a nós o que carregamos em nós mesmos – e, mais uma vez, afirma-se no pensamento de Nietzsche:

Quando as premissas da vida ascendem, quando tudo que é força, coragem, dominação, orgulho forem eliminados do conceito divino [...] quando se tornar o Deus-dos-pobres-diabos, o Deus-dos-pecadores, o Deus-dos-doentes por excelência, como pode o predicado 'salvador', 'redentor' permanecer como

sendo um atributo divino? O que quer dizer uma tal metamorfose, uma tal redução do divino? [...] transformando-se então numa coisa cada vez mais pálida e menos substancial, tornando-se ‘ideal’, ‘puro espírito’, ‘*absolutum*’, ‘coisa em si’... Decaída de um Deus: Deus torna-se ‘coisa em si’... (NIETZSCHE, 1992, p. 39).

O filósofo defende, em sua obra *O Anticristo*, o Deus que é sentimentalmente semelhante à humanidade e, assim, pode ser o que a ela serve, já que para tal foi, por ela, criado. O Deus metamorfoseado em espírito de perfeição soa inatingível ao homem e, então, cerceia seus instintos, o faz medíocre. Saramago retrata o Deus nitzscheano, ainda mais carregado de predicados rotulados como não bem quistos pelos conceitos modernos de homem e de Divino. Deus é sedento de sangue e poder, como exposto num diálogo com Jesus:

O único Deus sou eu, eu sou o Senhor [...] Morrerão milhares. Centenas de Milhares. Morrerão centenas de milhares de homens e mulheres, a terra encher-se-á de gritos de dor, de uivos e rancos de agonia, o fumo dos queimados cobrirá o sol, a gordura deles reclinará sobre as brasas, o cheiro agoniará, e tudo isso será por minha culpa. [...] Pai, afasta de mim este cálice, Que tu o bebas é a condição do meu poder e da tua glória, Não quero essa glória, Mas eu quero esse poder. [...] Então o Diabo disse: É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue. (SARAMAGO, 2003, p. 391).

Este Deus que pode nos parecer, se humanizado, humanizado com os mais péfidos sentimentos – ainda por mostrar-se um e ser outro – se nos despirmos das *máscaras* e conseguirmos analisar, mesmo que de forma superficial, a realidade das emoções que são partes, por vezes desconhecidas, dos seres humanos, assemelhar-se-á, o humano Deus de Saramago, a ditadores, poderosos dominantes e, mais próximo ainda, aos nossos pensamentos escusos e sombrios. Há, em cada homem ou mulher, um tanto desse Deus ou há um tanto de cada mulher ou homem, em Deus.

Na passagem de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, em que estão em um barco, rodeados por impenetrável nevoeiro, Jesus, Deus e o Pastor-Diabo, a conversar por 40 dias – Deus contando o que irá acontecer após a crucificação de Jesus e outras coisas que não nos interessam agora – ao buscarmos a simbologia do numeral 40 encontramos que “quarenta é o número da espera, da preparação, da provação ou do castigo (...) Pode-se dizer que os escritores bíblicos marcam a história da salvação, dotando os acontecimentos principais com esse número; ele caracteriza assim as intervenções sucessivas de Deus” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p. 757) e nevoeiro:

é símbolo do indeterminado, de uma fase de evolução: quando as formas não se distinguem ainda, ou quando as formas antigas que estão desaparecendo ainda não foram substituídas por formas novas precisas. Símbolo igualmente de uma mescla de água e de fogo, que precede toda consistência, como o caos das origens, antes da criação dos seis dias e da fixação das espécies (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p. 634).

Por meio destas simbologias, sugerimos que o autor pode ter comparado essa passagem – paródia da tentação de Cristo no deserto – à criação de uma nova crença que prega a vinda de Jesus como o começo de *tudo* – nevoeiro – e ainda mais se somarmos a isso os quarenta dias significando intervenções de Deus. Pode ser, portanto, o momento da criação do novo Deus, o do Bem Supremo, o *Espírito de Luz*, que se instala e aniquila o antigo.

A humanização do Divino em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, é um assunto explícito, facilmente verificável com a leitura, ainda que leiga, dessa obra.



Mas, mesmo assim, pode ser, esse tema, uma pesquisa, simultaneamente aprazível e inquietante; já que a observação do pensamento nietzscheano, como aparente suporte às construções das personalidades Divinais de Saramago, promove especulações fascinantes, que nos conduzem à conjeturas a respeito de nossas crenças e verdades absolutas: teriam sido arraigadas em nós? seriam ranços de uma postura de obediência cega? Quantos outros deuses perfeitamente bons estaríamos, ou estamos, nós absorvendo sem ao menos dar-nos o direito da dúvida? Muitos outros questionamentos são estimulados em nós por Nietzsche e Saramago; quão beneficentemente irresolutos nos podem deixar suas obras: *O Anticristo* e *O evangelho segundo Jesus Cristo*, respectivamente.

## 2 – E se fez palavra, e a palavra o todo faz

Neste terceiro capítulo pretendemos explorar a força da Palavra<sup>3</sup>. Força que, em nosso entendimento, quem sabe seja a responsável por mentiras e verdades ou, ainda e simplesmente, somente pelas mentiras se adotado for que *verdades são mentiras que deram certo*.

A obra *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, poderia, talvez, ser hoje uma verdade absoluta se fosse contemporânea a um dos quatro Evangelhos bíblicos, que são tidos como escrituras absolutamente verazes. Imaginemos as várias alterações que, provavelmente, sofreu cada Evangelho ao longo do tempo; sabedores que somos da simplicidade dos seguidores de Jesus e que a educação e a escrita eram, na época, privilégio de poucos e ainda em posições especiais, supomos que os primeiros registros da passagem do Messias por esse mundo tenham sido pequenos, toscos até. E por isso ao tentarmos “[...] reconstruir a história a partir dos dados presentes na Bíblia, temos que ter em mente que o texto não caiu pronto do céu. Ele é fruto de um longo processo de elaboração, passando por muitas mãos [...]” (SCHLAEPFER; OROFINO; MAZZAROLO, 2004, p.32). Com o passar do tempo tais escritos devem ter sofrido alterações em virtude das várias traduções, de interesses, da retórica de cada período – e porque quem relata algo que viu ou ouviu, relata-o com interferência de pontos pessoais – e vários outros fatores que, se fossemos aqui enumerar teríamos um estudo histórico e não metalinguístico.

Em Nietzsche, tentando bravamente esquecer a conotação sócio política, o grifo que fizemos pode nos levar a confirmação de que a Palavra é a responsável pelo que acreditamos:

[...] Leiam os Evangelhos como o livro da sedução usando a moral como recurso: a moral foi coberta com uma capa por essa gatinha, eles conhecem a importância da moral! Através da moral conduz-se a humanidade mais facilmente pelo bico! [...] colocaram definitivamente a ‘comunidade’, os ‘bons’ e os ‘justos’, de um só lado, do lado da ‘verdade’, e o resto, o ‘mundo’, do outro lado [...] uma pequena multidão disforme de hipócritas e mentirosos começou a monopolizar os conceitos de ‘Deus’, ‘verdade’, ‘luz’, ‘espírito’, ‘amor’, ‘sabedoria’, ‘vida’, como se fossem seus sinônimos, para com isso delimitar o ‘mundo’<sup>4</sup> [...] (NIETZSCHE, 1992, p. 67).

O que é dito, e se adotado por uma minoria, torna-se lei nesse círculo e se verídico para muitos será uma máxima, quase que intocável. As várias interpretações de uma mesma Palavra sugerem a influência de arquétipos internalizados por pessoa, grupo ou

---

<sup>3</sup> Palavra é escrita com inicial maiúscula por ser o ponto central deste capítulo e não por ser referência apenas ao Divino.

<sup>4</sup> Grifo nosso

comunidade. Influência que, provavelmente, ocorreu na moldagem de Deus, até a forma adotada na atualidade.

Assim, ao lermos no texto bíblico:

[...] pois o papel criador não cabe ao Espírito e sim à palavra divina [...] (GÊNESIS, um, 2)

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus

[...]

[O Verbo] era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem. Estava no mundo e o mundo não o conheceu.

[...]

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós [...] (EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO, 1, 1-2, 9, 14)

Baseados em uma interpretação que direciona à sugestão de que é a Palavra o cerne de toda criação, nos é permitido, pelo ângulo do estudo aqui proposto, supor que o homem fez Deus, como Ser onisciente, sabedor e usuário do poder da Palavra, fazendo-Se adorado por meio de seu poder. Em várias passagens do Antigo Testamento encontramos alusões aos ímpios (povos pagãos), ora, se Deus criou um casal e esse casal teve dois filhos, um foi morto, etc. Então, de onde surgiram os ímpios, os que não criam? Podemos entender que esses já existiam, independentemente da vontade Divina. Se assim foi, pensamos que os pios criaram Deus e o impingiram aos ímpios, aparentemente, com isso aumentando seu poderio de dominação por meio da unificação da crença e, para tanto, muniram-se do convencimento pela Palavra.

Sem as Escrituras as noções do Divino que imperam no mundo, por suposto, não seriam as mesmas, pois teriam como suporte a oralidade e a Palavra falada é mais facilmente adulterada e, por isso, não é tão crível quanto a escrita. O homem descobriu que a Palavra, talvez, instigue a humanidade a acreditar, a sublimar, a destruir, a relevar, a desprezar e tantas outras leituras e releituras de ética, de dogmas, de pecados etc, que constituem as *verdades* de uma sociedade ou seja: o discurso persuasivo institucionaliza conceitos e condutas, a Palavra cria *mandamentos*.

[...] idéia acerca do discurso persuasivo: ele se dota de signos marcados pela superposição. São signos que, colocados como expressões de ‘uma verdade’, querem fazer-se passar por sinônimos de ‘toda a verdade’. Nessa medida, não é difícil depreender que o discurso persuasivo se dota de recursos retóricos objetivando o fim último de convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos<sup>5</sup>.

[...] o discurso persuasivo é sempre expressão de um discurso institucional. As instituições falam através dos signos fechados, monossêmicos, dos discursos de convencimento. Tanto as instituições maiores – o judiciário, a igreja, a escola, as forças militares, o executivo etc. – quanto as microinstituições – a unidade familiar, a sala de aula, a sociedade de amigos do bairro etc. (CITELLI, 2000, p. 32).

Vimos que não é válido a qualquer pessoa dar redenção dos pecados, mas só, e tão somente, é dado esse poder aos que se investem da autoridade de direito, ao sacerdote, por exemplo. Essa, digamos, autorização foi instituída e tornou-se uma verdade absoluta

---

<sup>5</sup> Grifo nosso

e essa verdade absoluta se concretizou por meio da Palavra. Diária e constantemente nos deparamos com tais conformidades e é raro quando as notamos, então, mais uma vez, insistimos na possibilidade de ser o Divino procedente da Palavra, já que esta é o cerne do discurso e o discurso que persuade torna-se, em nosso entendimento, na maioria das vezes, irrefutável. Uma idéia surge, alastra-se, passa à verossimilhança e, depois de entranhada no imaginário coletivo, transforma-se em dogma, quando a Palavra é usada convenientemente e pela instituição e/ou pessoa apropriada. Para uma constatação do poder da Palavra apelaremos, novamente, a Nietzsche: “Poder-se-ia com alguma condescendência chamar Jesus de ‘espírito livre’: ele não dá importância a nada que seja firme: a palavra mata, tudo que é firme mata” (NIETZSCHE, 1992, p. 55). Sugerimos que o filósofo compartilha do poder da Palavra; se a Palavra mata é porque, provavelmente, faz *nascere*. É constante em *O Anticristo* a afirmação da mudança imposta à humanidade na forma de como encarar Deus, mudança essa que O transformou em ‘espírito de luz’, o ‘todo bom’, o ‘nada’, por meio do discurso da igreja.

Ainda segundo Friedrich W. Nietzsche:

Dessa vez desejo colocar a pergunta decisiva: existe propriamente um antagonismo entre convicção e mentira? O mundo inteiro acredita nisso; mas no que não acredita o mundo inteiro! Cada convicção possui sua história, suas formas preliminares, suas tentativas e erros: torna-se convicção na medida em que não era, na medida em que ainda quase não é. Como? a mentira não estaria também contida nessas formas embrionárias de convicção? Às vezes basta uma simples troca de pessoas: no filho torna-se convicção o que ainda era mentira ao pai” (NIETZSCHE, 1992, p. 80-1).

Mais uma vez encontramos, nesse filósofo, ratificação para nossas idéias. As convicções parecem ser, antes de instituídas como verdades, criações aleatórias. Porém, basta que elas sejam *adotadas* por indivíduos como verdadeiras para tornarem-se incondicionais. Talvez seja de responsabilidade do uso persuasivo da Palavra as crenças que herdamos e, portanto, como herança, não as questionamos e, ainda, como herança as passaremos adiante; como a provável veracidade dos Seres Celestiais.

Na obra de José Saramago aqui estudada, há a alusão a esse poder de criar e destruir que a Palavra possui. Na parte da história, já mencionada anteriormente para outros fins, em que estão em um barco Jesus, Deus e o Pastor-Diabo, envoltos por denso nevoeiro, por quarenta dias, acontece a seguinte conversa:

Parece-me claro e óbvio que não tens culpa, e, quanto ao temor de que te atirem com as responsabilidades, responderás que Diabo, sendo mentira, nunca poderia criar a verdade que Deus é, Mas então, perguntou Pastor, quem vai criar o Deus inimigo. Jesus não sabia responder, Deus, se calado estava, calado ficou, porém do nevoeiro desceu uma voz que disse, Talvez este Deus e o que há de vir não sejam mais do que heterônimos, De quem, de quê, perguntou, curiosa, outra voz, De Pessoa, foi o que se percebeu, mas também podia ter sido, Da Pessoa. Jesus, Deus e o Diabo começaram por fazer de conta que não tinham ouvido, mas logo a seguir entreolharam-se com susto, o medo comum é assim, une facilmente as diferenças. (SARAMAGO, 2003, p. 389-90)

Podemos notar, nesse trecho, a interferência direta do escritor: “[...] Talvez esse Deus e o que há de vir [...]”, que dialoga com o narrador: “[...] De quem, de quê [...]” e é ouvido pelas personagens. Seguindo esta sugestão podemos dizer que Saramago colocasse como o verdadeiro Deus, já que o universo do livro é regido por ele e as personagens Deus, Jesus e o Pastor-Diabo ouvem a voz, que seria a dele, e calam-se assustados, ora, se Deus está no barco e ouve as vozes, podemos imaginar que para Ele tais vozes têm o

mesmo efeito que Sua voz teria para um simples mortal, ou seja: Deus, mais uma vez, é colocado como criação humana e, por isso, carrega em si os humores de seu criador. O narrador, a outra voz, pode ser uma releitura dos Evangelistas; é ele quem conta a história desse evangelho e é ele quem, ao que parece, mantém contato com o ser supremo, neste caso Deus *in* Saramago. Bem, então Saramago retrata o que viemos frisando neste trabalho e, especialmente, neste capítulo: que as crenças são fundadas na Palavra e a Palavra é arma humana. Portanto, a leitura possível é uma crítica à Bíblia; assim como ele, Saramago, escreve o que quer, da forma como imagina, o que impede que dessa maneira também tenha sido escrita a Bíblia? Se deixarmos um pouco de lado o temor de injúrias – também exemplos da persuasão do discurso, em nós – veremos que os Evangelhos são considerados verazes por já serem divulgados por, aproximadamente, dois mil anos e por uma instituição poderosa, temida no passado e respeitada atualmente.

Como embasamento a tais idéias lemos que:

[...] ficamos chocados quando descobrimos que muitos livros bíblicos, considerados como históricos, na verdade são narrativas míticas contando as origens maravilhosas do povo de Israel. A história presente na Bíblia não veio de livros didáticos, mas surgiu nas rodas de conversa, à noite, ao pé do fogo, relembrando os feitos antigos de gente que lutou pela liberdade do povo. Nestas rodas não importavam tanto as datas precisas, mesmo porque o calendário naquela época não era muito preciso. O mais importante era que os feitos mais importantes fossem transmitidos de geração em geração, para que não se perdesse a memória dos fatos e dos personagens antigos. A grande preocupação do povo de Deus era a fidelidade a Deus e aos antepassados chamados por Deus. (SCHLAEPFER; OROFINO; MAZZAROLO, 2004, P. 31)

Se as histórias que a Bíblia concentra foram por muito tempo passadas de boca a ouvidos, sucessivamente, como era o costume da época para manter *vivo* um conhecimento, então é certo afirmar que até serem registradas sofreram alterações por influência da interpretação dada a elas por cada contador e, mais tarde, por cada tradutor ou copiador dos textos escritos, tanto por *inspiração* dos próprios, quanto por ordens superiores, atendendo à necessidade de condução do *rebanho*, quem sabe. Será pertinente, então, dizer que os Evangelhos, criados e escritos pelo homem, contêm a história do Divino, também uma possível criação humana. E por não ter como saber, esse homem, da realidade espiritual dos Seres Celestiais, os fez a sua imagem e semelhança, dentro do seu imaginário do que seria o Celeste.

Com a liberdade de criação dada pela Palavra ou à Palavra, pela Literatura, José Saramago escreve seu evangelho e faz, nele, uma alusão ao poeta português Fernando Pessoa. Quando a voz – do autor ou do Deus *in* Saramago “De quem, de quê, perguntou, curiosa, outra voz, De Pessoa, foi o que se percebeu, mas também podia ter sido, Da Pessoa” (SARAMAGO, 2003, p. 389) – diz “De Pessoa”, é possível que esteja referindo-se aos vários heterônimos criados pelo poeta. Se Pessoa pode dar vida a tantos usando, para isso, a Palavra, o que impediria o homem de criar, apropriando-se da mesma matéria prima, o Divino? Pois: “A grande verdade é a que está à minha altura e a que possa alcançar. Nenhuma indicação de verdades maiores. E nem saberei o que fazer com elas” (GUIMARÃES, 1971, p. 28). O ser humano parece fazer sua a verdade que o apraz e essa torna-se a única, para que possamos saber, quase sempre, o que fazer com elas.

Portanto, a Palavra aparenta ser o meio, ter a força para a construção dos nortes necessários à humanidade para que essa possa existir e coexistir em si. Em *O evangelho*

*segundo Jesus Cristo*, José Saramago nos assusta quando nos deixa saber o quão persuadidos fomos e somos. E, com uma prova do poder da Palavra, da valorização do homem e da mulher e da humanização do Divino, termina seu evangelho:

[...] Jesus morre, morre [...] de súbito o céu [...] se abre de par em par e Deus aparece [...] e sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício [...] e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alargar toda a terra, chamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. Depois foi morrendo no meio de um sonho (SARAMAGO, 2003, p. 444).

Na oração, que constitui as últimas palavras do Jesus de Saramago na condição humana, *Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez*, há, mais uma vez, a valorização explícita do homem, Jesus coloca-se contrário a atitude de Deus; deixa subentendida, nesse pedido de desculpas, como que uma profecia do futuro reservado à humanidade quando da adoração unificada de Deus. E, ao analisarmos o Deus saramaguiano, notamos sua personalidade tirânica; Jesus, o do *O evangelho segundo Jesus Cristo*, é uma dicotomia entre o despotismo do ser Divino e a variada gama de humores do ser humano. Se aprofundarmos um pouco mais nossa *filosofia analítica*, sugeriremos que Deus pode ser o estereotipo de uma maneira de comportamento humano, o que, como já, exaustivamente, foi dito nessa pesquisa, é dominante e sedento de poder; enquanto Jesus pode ser o vassalo indignado com a nobreza e, ainda, lutando contra a sedução do domínio. São tão complexos quanto humanos os Divinos de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago.

### **Considerações finais**

Este estudo da humanização do Divino, que em um primeiro contato nos pareceu óbvio, já que isso é totalmente explicitado por Saramago em seu livro *O evangelho segundo Jesus Cristo*, desvelou-se apaixonante e surpreendente.

A visão dos Seres Celestiais com qualidades e defeitos inerentes ao homem, pode levar ao questionamento de nossas crenças; isso por meio da percepção da valorização do que é natural a homens e mulheres, em detrimento as normas impostas à humanidade durante todos esses séculos por meio da persuasão com que a Igreja medieval dominou o mundo, dito, civilizado. A consciência de uma possível indução a pensamentos que podem levar a servidão é observável na obra de Friedrich W. Nietzsche; *O Anticristo*; as idéias desse filósofo sobre a transformação do Deus que sentia como os que o adoravam, em um Deus de supremo primor e, portanto, impossível de ser alcançado, faz do homem, assim, um ser em frustração constante por almejar algo que lhe é impossível: a perfeição.

As visões de José Saramago vão ao encontro das idéias de Nietzsche quanto a forma de encarar a concepção moderna de Deus. Os autores são contrários ao uso das Divindades para a diminuição da auto-estima, como proclamação de que a subserviência é o caminho para a *glória eterna*, dividem, ainda, o descontentamento com o prêmio instituído a quem não comete ou tenta não cometer as infrações conclamadas, o *Paraíso*. O filósofo afirma que essa crença é infundada, que a vida é terrena e que se nos fosse dado, no pós-morte, o que é prometido, seria apenas necessário esperar a morte, sem preocupações, vivendo pacata e bucolicamente. Parece-nos ser José Saramago simpatizante, também, de tal pensamento e então, com a liberdade oferecida pela Literatura, o escritor português refaz, reescreve, o Evangelho e, em seu evangelho,

trata de assuntos variados como, por exemplo, os opostos Imperialismo X Socialismo – tema já muito estudado – representados por Deus e Jesus, respectivamente; alude à tirania causada pelo poder; descreve com personagens aparentemente comuns os sentimentos que formam o homem e a mulher e, para expressar essas e outras nuances da humanidade, utiliza-se da humanização do Divino aparentemente embasado na filosofia de Nietzsche.

Ainda sobre o poder da Literatura, observamos que a criação de um deus pode ser obra da palavra. Nossos estudos nos levam a crer que o homem condiciona e é condicionado, institui suas verdades, que permanecem verdadeiras até que suas necessidades as tornem esquecidas ou as façam retornar ao que eram: imaginação. A palavra é, para tal, um meio muito eficaz quando utilizada pela *indústria* correta. Assim, sugerimos que as mudanças na personalidade Divina – que ainda hoje ocorrem sutil e constantemente – são vinculadas aos quereres de dominantes, aqueles que carregam em si o poder da verdade, aqueles que têm palavras tão fortes a ponto de criarem verdades absolutas. Este estudo deve nos levar a reflexão sobre essa capacidade de influência e alcance da Literatura quando esta é escrita de forma instigante. Instigante a ponto de, mesmo nos chocando por arranhar ou quebrar paradigmas, fazer-nos envolvidos por uma visão do Divino que, até em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, nos seria impossível, sequer, imaginar sem que sofrêssemos pruridos na consciência.

Após a descoberta de uma possível inverdade quanto às origens Divinas, podemos seguir por duas das muitas alternativas de interpretação que se abrem com a leitura dos dois autores aqui estudados: para a primeira continuaremos a obedecer as verdades implantadas de que o homem é criação de Deus, feito a Sua imagem e semelhança, e de que Deus é o Bem supremo, a mais completa *encarnação* da perfeição, o inatingível. Para a segunda evoluiremos com alguma certeza de que o Divino é obra racional do homem, criado a sua imagem e semelhança e é constituído da mais vasta gama de sentimentos, humores, podendo ser, por isso, compreendido pela humanidade.

Portanto, a humanização do Divino, em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, somado ao *O Anticristo*, de Friedrich Wilhelm Nietzsche, obras, entre outras, que pudemos tratar aqui, além de propiciarem o prazer único que provém da boa leitura, nos levam ao questionamento de muito do que temos como exato, de como isso nos foi impingido como veraz no decorrer da história, de como as aceitamos, passíveis. Então, seguindo as alternativas de resposta destas e de outras perguntas mais, chegaremos a um ponto de convergência: na descoberta de que utilizaram e utilizam, seja que linha for, independente da origem, a persuasão do discurso para instituir-se ou para ser instituída. Ou seja; o poder maior, aparentemente, é a força da Palavra e o emprego deste poder para a implantação das verdades.

### Referências bibliográficas

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave-Maria Ltda, 1997. 1632.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. L.Garmus (coord.). Petrópolis: Vozes, 1982. 1548.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.). 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2000.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental**: autores e obras fundamentais. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem**: mundo, absurdo, revolta (Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O Anticristo**: Maldição do Cristianismo. Rio de Janeiro: Newton Compton, 1992.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O espaço da crítica**: panorama atual. Goiânia: UFG, 1998.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. 33. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHLAEPFER, Carlos Frederico; OROFINO, Francisco; MAZZAROLO, Isidoro. **A Bíblia**: Introdução historiográfica e literária. Petrópolis: Vozes, 20